

Adorno contra a Rainha de *Branca de Neve e os Sete Anões*

Paulo Ghiraldelli Jr.

Adorno não tinha bons olhos para a matemática. Ele enxergava nos enunciados da matemática unicamente sentenças analíticas, isto é, sentenças que não nos dão nenhuma informação “a mais”, no que elas transmitem por meio do predicado, do que as já contidas no sujeito. Em outras palavras: a matemática funcionaria como o enunciado “O solteiro é um não-casado” que, afinal, não diz nada de solteiro que já não se saiba ao dizer a palavra “solteiro”. A matemática, com suas equações, no olhar de **Adorno**, dificilmente faria uma serviço diferente. Tudo que está em um parâmetro da equação é igual a tudo que está no outro parâmetro da equação, pois caso não fosse assim o nome da coisa não seria “equação”. Uma equação nada é além de uma definição. Qual informação nova que a equação “ $y = x + 1$ ” nos dá se o que se pode dizer dela é que y é substituível por “ $x + 1$ ”? Eu não estaria, enfim, apenas definindo aquele “ y ” como sendo um número acrescido da unidade? E isso, afinal, não seria ele mesmo? Aceito isso, não poderíamos, inclusive, dispensar “ y ” e usar somente “ $x + 1$ ”? **Adorno** tinha horror a essa “desinformação” dos enunciados analíticos e à mesmice da “identidade”. A noção de identidade da formulação analítica, e das matemáticas, causava em **Adorno** comichão, urticária alérgica. Qual a razão disso?

Esse tipo de dissabor de **Adorno** pode causar estranheza em alguns. À primeira vista ele seria algo como que uma revolta contra a álgebra e, então, também contra a lógica. Assim sendo, deveria ser levada a sério? Não seria apenas uma idiossincrasia filosófica – uma implicância descabida contra a lógica? Como entender isso no pensamento adorniano?

Adorno tinha um pavor enorme do “princípio da identidade”. Quando dizemos que “ $A = A$ ” e, enfim, quando usamos desse princípio para falar de “verdade” e, então, afirmamos que A é (um enunciado) verdadeiro se ele é igual (=) a A (um fato), haveria aí, para **Adorno**, um grave problema.

Adorno não gostava do “princípio de identidade” e, por isso, tinha lá sua desavença com a matemática. Esta seria, para ele, uma forma de pensar umbilicalmente articulada a um modo da política e a um modo da metafísica. Qual política? A do totalitarismo. Qual metafísica: a única filosofia que **Adorno** chamava de metafísica: o idealismo. Em outras palavras, a identidade estaria para a metafísica assim como o totalitarismo estaria para a política. Isso não teria grande importância se **Adorno** fosse um Rorty, por exemplo, que acredita que a ligação entre filosofia e política é *ad hoc*, que ambas não estão correlacionadas a ponto de fazer diferença prática. Mas **Adorno** era um pensador tradicional. Ele era, ainda, um platônico, que via uma correlação mais estreita entre filosofia e política.

A sociedade da “total administração”, que ele via como sendo a sociedade contemporânea (fosse ele comunista ou capitalista, isso não lhe importava, era aquela que funcionava segundo o princípio da identidade: tudo que está de um lado do sinal de igual nada mais é que o mesmo de tudo o que está do outro

lado do sinal de igual, de modo que o conceito apreende a coisa e a coisa é apreendida pelo conceito e fica sendo o conceito, por definição. A sociedade administrada nada seria que uma expansão política de algo que, na metafísica, tomaríamos como sendo o modo de falar do *conceito de verdade*. Em ambos os casos, nada teríamos senão uma equação: igualdade de ambos os lados.

Quando **Adorno** quis dar um exemplo tanto da metafísica calcada no conceito de identidade quanto da política totalitária, ele aludiu ao conto da **Branca de Neve**. A Rainha é a metafísica (e o totalitarismo), pois ao perguntar ao espelho (note: o espelho!) quem é mais linda que ela, espera do espelho a resposta analítica, aquela que não informa nada que já não seja sabido, a reprodução do próprio rosto da Rainha. Mas o espelho, pela primeira vez, a trai. Ele trai a matemática, a “sociedade administrada” e a metafísica, pois ele não reproduz o rosto da Rainha como resposta, e sim o de **Branca de Neve**. Só há uma solução para a Rainha-Metafísica: não podendo eliminar de sua vida o espelho, isto é, não podendo se desfazer do sinal de igual no mundo de equações que é o seu mundo, a Rainha tem de eliminar o diferente: **Branca de Neve**. Esta nada seria senão o *defeito* do espelho. Não poderia aparecer ali. No reino da Rainha, a bela é a Rainha, ninguém mais. $A = A$. Nenhum espelho poderia começar a falar sem o princípio de identidade, sem usar de enunciados analíticos, pois isso deixaria o mundo caótico, sem “lógica” (!) e, enfim, terminaria também a deixar o mundo – em sua organização social – sem ordem. A ordem na matemática é a ordem do sinal de igual, que deve funcionar. Ordem na sociedade é a ordem do sinal de igualdade social dos iguais (e desigualdade dos desiguais), que deve funcionar. Assim, do mesmo modo que a Rainha obriga o espelho a voltar a funcionar, eliminando o diferente que ele mostra, Stalin e Hitler, os homens máximos da concretização da “sociedade administrada”, quiseram eliminar todas as **Branca de Neves** de seus reinos.

Adorno, ao fazer essa metáfora, estava colocando um modo não só de fazer filosofia política e sociologia de modo articulado. Ele estava fazendo filosofia *tout court*. Pois ele estava, sim, se insurgindo, à sua maneira, contra a definição da verdade como correspondência. Em sua época, outros, do lado da filosofia de língua inglesa, em especial os pragmatistas, estavam fazendo o mesmo, mas com instrumentos diferentes. A briga de **Adorno** era com a noção de verdade como sendo a adequação entre “o conceito e a coisa”. Para ele, um enunciado era verdadeiro de algo quando apontava não para o conceito ou para o algo, mas quando apontava para as diferenças entre o algo e o conceito. Em parte, era isso que James e Dewey haviam intuído.

É claro que quando falamos tudo isso no jargão da filosofia analítica e, em parte, do pragmatismo, isso que **Adorno** pede fica *quase* impossível. O “algo” é agarrado e explicitado em palavras e, portanto, já aparece em nossa linguagem com algum nome que carrega alguma conceituação. Então, para a filosofia analítica, em sua fusão com o pragmatismo, a saída é o de trabalhar com a noção de verdade semântica (como Donald Davidson a modifica, a partir de Tarski), onde o que há é uma linguagem de um lado e de outro lado existe também a linguagem (e não a coisa), sendo que uma das linguagens deve funcionar como meta-linguagem da outra. Então, podemos montar um enunciado do tipo:

“A neve é **branca**” é verdadeira se e somente se a neve é **branca**.

Na formalização, temos:

“S” é verdadeiro sse S.

Adorno, no entanto, jamais se aprofundou em filosofia analítica. Ele não deu qualquer crédito para tal movimento em filosofia. E quanto ao pragmatismo, embora ele gostasse de Dewey, acompanhou um pouco Horkheimer na aversão – errada – à filosofia americana. Ele não via a filosofia analítica como outra coisa que não como positivismo lógico. Duvido que chegou a tomar conhecimento, a fundo, da produção de Quine, que de certo modo começou a desbancar o positivismo lógico. Para **Adorno** essa filosofia não servia, pois ela iria levar tudo para um buraco; tiraria o crivo social e político que ele colocava no mesmo plano de seu envolvimento com a metafísica. Entendamos de uma vez por todas: a filosofia de **Adorno** fazia da metafísica algo paralelo à filosofia política e à sociologia e vice-versa. Por isso, ele podia chamar a Rainha do conto *Branca de Neve* tanto de Metafísica quanto de Sociedade Administrada (ou Totalitarismo). Ambos faziam a mesma coisa: davam crédito ao princípio da identidade, davam crédito à matematização.

Adorno se insurgiu contra a noção de verdade como correspondência, ou seja, a noção *realista* de verdade, por meio do que os filósofos analíticos chamariam de estratégia metafórica, alegórica. O que **Adorno** disse, para um filósofo analítico inteligente, pode ser entendido, ainda que de modo incômodo. **Adorno** escreveu no seu livro *Dialética Negativa* que a verdade não está no conceito ou na coisa, mas no que foge a ambos, ou ainda, entre o conceito e a coisa.

Como que isso faria sentido para um filósofo analítico? Entre “S” e S só há “sse”. Nada mais. Para **Adorno**, no entanto, se ele pudesse usar da noção formalizada acima, ele diria: entre “S” e S há “sse” somente, eu sei, mas “sse” não é exatamente um símbolo lógico de igualação e, portanto, o elemento social de igualação transmutado em linguagem e/ou pensamento?

Caso **Adorno** pudesse fazer esse movimento do pensamento (se é que não fez), a quem ele estaria obedecendo? Nietzsche e Durkheim – certamente. Durkheim foi quem insistiu na base social dos conceitos. Foi ele quem pegou a “tábua das categorias” de Kant e quis vê-las como produtos da organização da vida terrena, ao analisar, junto com Mauss, a organização tribal geográfica, física, e a forma das noções de espaço e de tempo “na cabeça” dos elementos da tribo. E foi Nietzsche quem insistiu no caráter metafórico da linguagem – e da verdade – e, assim, lembrou bem o quanto nossos elementos mentais, lingüísticos, nada são senão transposições de situações rudes, grosseiras, que se fazem entre nós (os sofisticados) e nós (os brutos), entre *nós* enquanto seres do mundo espiritual e *nós* enquanto aqueles que são tudo que a Terra faz emergir. Nietzsche, ao falar da linguagem, lembrou que todo o seu percurso seria metafórico, ou seja, um “som” passaria a ser impulso elétrico e, então, seria “interpretado”, ganharia significado. Esse trajeto, do impulso elétrico fisiológico ao campo semântico, todo ele, nada seria senão o trajeto de construção metafórica, ou seja, “tudo que é” se torna em algo que nada mais é que alegoria, metáfora, do “tudo que é”. A linguagem, e a verdade, por conseqüência, seriam, então, nada além que batalhões de metáforas e metonímias. O pragmatismo, sabemos, seguiu muito dessas intuições nietzschianas.

Adorno leu tudo isso em Nietzsche, certamente. Mas não explorou tal coisa dessa forma que eu fiz acima. O fez a seu modo. Ao dizer que o verdadeiro não estava no conceito ou na coisa, e nem na igualação entre ambos, mas “entre ambos”, ele estava apontando para os mecanismos (sociais e políticos? Sim,

também) que criaram a própria noção de verdade. Ele estava apontando (*a la Nietzsche, como este faz no aforismo 22 de Além de Bem e Mal*) para uma hipótese interessante: será que a lógica não é, ela própria, apenas uma das lógicas possíveis, não será ela uma lógica que trabalha com a identidade exatamente na medida em que vivemos em um mundo onde a igualdade se põe como um valor?

Essa forma de trabalhar com o “princípio de identidade”, assim, trazendo-o para o seio do campo social e antropológico, para então voltar ao campo filosófico, deixaria qualquer positivista lógico desesperado, mas não creio que deixaria todo filósofo analítico, principalmente no campo do pragmatismo, incapaz de gostar de **Adorno**. Pois, ainda que não saibamos em qual sentido estamos falando, não faz sentido dizer que o verdadeiro está entre o conceito e a coisa? Claro que faz sentido.

©2007 Paulo Ghiraldelli Jr.